

## AS MULHERES NAS COMÉDIAS DE ARISTÓFANES E NA *REPÚBLICA* DE PLATÃO

ANA MARIA CÉSAR POMPEU\*  
Centro de Humanidades  
Universidade Federal do Ceará

**RESUMO:** *Este artigo pretende mostrar a semelhança entre o retrato das mulheres na República de Platão e na Assembléia de Mulheres de Aristófanes, e como Platão pode fazer uma crítica ao tratamento cômico das idéias revolucionárias sobre a comunidade das mulheres, dos bens e dos filhos, e como tais idéias já se prefiguram nas comédias femininas de 411.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *mulheres; comédia; Aristófanes; Platão.*

O livro V da *República* reproduz quase exatamente algumas idéias ridicularizadas na *Assembléia de Mulheres*: a comunidade de bens, de mulheres e filhos. A indicação de que Platão está se referindo ao texto de Aristófanes está na introdução desse assunto em que ele faz um comentário sobre o ridículo. Sócrates afirma que depois de delimitar o papel dos homens, tratará do das mulheres, e utiliza as expressões *drama andreion* (451 b) e *drama gynaikeion*. E, ao prescrever que a educação da mulher deverá ser semelhante a do homem, para que possam executar as mesmas tarefas, diz que talvez o que afirmou pareça ridículo e contrário aos costumes (*geloia para to ethos*). Mas conclui que não devem temer a troça dos gracejadores (*ia ton kharianton skommatá*) sobre tão grande mudança referentes aos exercícios de ginástica, à música, ao porte de armas e à condução de cavalos. Todo esse cenário de revolução feminina já está presente nas outras peças femininas de Aristófanes de 411 a..C. Na *Lisístrata*, as mulheres são representadas como verda-

---

\* Professora Doutora de Língua e Literatura Grega do Curso de Graduação em Letras e do Curso de Especialização em Estudos Clássicos do Departamento de Letras Estrangeiras do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará.

deiras guerreiras. Lampito, a líder espartana, justifica sua boa forma física com a ginástica; os velhos do coro dizem que as mulheres montam (numa referência obscena) muito melhor do que os homens e exemplificam com as Amazonas, guerreiras ferozes. As mulheres vencem os guardas citas numa luta corporal; Lisístrata afirma que mesmo sendo mulher é inteligente. Em *Tesmoforiantes*, há a discussão do gênero biológico e literário. O poeta trágico Agatão diz que se veste de mulher para compor uma peça feminina (*drama gynaikeion*). As duas peças afirmam que as mulheres são aptas para participarem do governo da cidade.

Sócrates continua pedindo aos gracejadores que não exerçam sua atividade específica, mas sejam sérios, pois há não muito tempo coisas que são consideradas boas eram tidas como ridículas e vergonhosas (*aishkra kai geloia*), como a vista de um homem nu, que ainda é motivo de gracejo entre os bárbaros. E quando começaram a fazer ginástica, tanto os cretenses quanto os lacedemônios foram motivos de risos (*kamoideiri*) para os cidadãos da época. Quando se descobriu, com a prática, que era melhor exercitar-se nu, a razão venceu os olhos, destruindo o ridículo.

E isto demonstrou que é tolo quem julga ridícula (*geloiori*) qualquer outra coisa que não seja o mal, quem tenta fazer rir (*gelotopoiēri*) tomando como motivo de troça qualquer outro espetáculo que não seja o da loucura e da maldade, ou então se empenha em alcançar o belo, pondo o seu alvo em qualquer outro lado que não seja o bem (452 d-e).

Mas é preciso que se permita discutir, por brincadeira ou na seriedade, se a natureza feminina é capaz de tomar parte em todos os trabalhos do sexo masculino, em nenhum deles, em alguns, e a quais deles pertencem os trabalhos de guerra (452e-453<sup>a</sup>).

Quando se começou a fundar a cidade, estabeleceu-se que “cada um deve executar a sua tarefa específica, de acordo com a sua natureza”. Naquela ocasião não se supôs uma natureza igual ou diferente, mas apenas observou-se aquela espécie de diferença e semelhança que tem por alvo as ocupações. Então se houver evidência da superioridade de um dos sexos no exercício de uma arte ou qualquer outra ocupação, esta deverá ser confiada a ele. Mas se a diferença consistir apenas no fato de a mulher dar à luz e o homem procriar, não se deverá dizer que os dois diferem em relação às ocupações. Pois uma pessoa é naturalmente dotada para uma coisa, e outra não, pela facilidade de aprendizagem ou não (454 d).

Logo, em relação à administração da cidade, não há nenhuma ocupação específica da mulher, enquanto mulher, nem do homem, enquanto homem, mas as

qualidades naturais estão distribuídas de forma semelhante nos dois seres, e a mulher e o homem participam de todas as atividades, de acordo com a natureza, mas em todas elas a mulher é mais frágil do que o homem (455 d-e).

Há mulheres dotadas para a medicina, para a música, e outras não; há as capacitadas para exercícios físicos e para a milícia, há as que não são; há as amigas do saber, e as que o detestam, umas são irascíveis, e outras, apáticas. Há a mulher guardiã e a que não o é. Deve-se escolher a da primeira espécie para coabitar e ajudar a guarda a cidade juntamente com os homens guardiões, uma vez que são capazes e aparentadas com eles quanto a sua natureza. Então, para naturezas iguais, ocupações iguais, pois não é contra a natureza atribuir o aprendizado da música e da ginástica às mulheres dos guardiões (455e-456b).

Logo, estabelecemos uma lei que não era impossível nem comparável a uma utopias, uma vez que a promulgamos de acordo com a natureza. Mas as leis atualmente existentes é que são antes contra a natureza (456b-c).

É interessante pensar como a referência de Sócrates ao absurdo, à utopia, pode estar diretamente endereçada a Aristófanes, que, como comediógrafo, trata a possibilidade do impossível, em suas mirabolantes soluções para acabar com a guerra, e no caso de *Assembleia de Mulheres*, para acabar com os problemas econômicos de pós-guerra. Sendo esta peça considerada junto com *As aves* uma utopia.

Pelo que se viu, Sócrates começou a falar sobre as mulheres, referindo-se ao gênero feminino e a sua semelhança em natureza ao masculino. Ele afirma que há mulheres com dons naturais para serem guardiãs e há as que não os possuem. Ao concluir seu argumento, ele demonstra como seria ridículo se os carecas tivessem aptidão para serem sapateiros e os cabeludos não. O que nos faz recordar das mulheres disfarçadas de homem na *Assembleia*, vistas por Cremes como sapateiros. E a alusão aos carecas nos lembra Aristófanes, que é assim referido na *Paz*.

Em *Tesmoforiantes*, de 411 a.C., temos a exposição do tema natureza feminina, quando o parente de Eurípidés fica em dúvida sobre o sexo de Agatão, o poeta trágico efeminado, a quem Eurípidés vem pedir ajuda, para defendê-lo junto às mulheres, que planejam matá-lo, por revelar os segredos femininos para os homens, tornando insuportável a vida das mulheres junto aos maridos, pela desconfiança destes.

Agatão diz que traz as roupas conforme a sua maneira de pensar, e que é preciso que o poeta atue de acordo com as suas peças, que lhes adapte o seu tipo de vida. Pois, se ele faz peças com mulheres, é preciso que o corpo participe dessa

natureza. Já que, quando se faz uma peça com homens, tem-se no corpo essa característica. E o que não se possui, consegue-se pela imitação. Ele ainda acrescenta que é contrário às Musas ver um poeta grosseiro e peludo. (146-160)

Por tudo que foi afirmado sobre a igualdade das naturezas masculinas e femininas, Sócrates afirma que as mulheres dos guardiões deverão ficar nuas, pois vestirão virtude no lugar das roupas, e elas participarão da guerra e em tudo que respeite à guarda da cidade, sem fazerem outra coisa. Os trabalhos mais leves serão atribuídos a elas, pela debilidade do seu sexo.

E o homem que se rir das mulheres nuas quando fazem ginástica para alcançar a perfeição, colhe imaturo o fruto da sabedoria”, que é o riso, sem saber, ao que parece, de que se ri nem o que faz. Pois diz-se e há-de dizer sempre com razão que o que é útil é belo, e o que é vergonhoso é prejudicial (457 a-b).

Após concluir a questão do riso pela nudez feminina na ginástica, com a lei que põe as mulheres como guardiãs, Sócrates declara uma lei que parecerá mais absurda que a anterior:

...que as mulheres serão comuns a todos esses homens, e nenhuma coabitará em particular com nenhum deles; e, por sua vez, os filhos serão comuns, e nem os pais saberão quem são os seus próprios filhos nem os filhos os pais (457c-d).

Sócrates irá mostrar que esta lei é útil à cidade, deixando para depois a questão da possibilidade de ser cumprida. Os guardiões, homens e mulheres, terão em comum habitação e refeições, sem que tenham qualquer propriedade privada, ficarão juntos nos ginásios e no resto de sua educação, e, por uma necessidade natural, serão compelidos a unirem-se entre si. Ele institui os casamentos sagrados que seguirão a lei da eugenia, homens superiores se unirão o maior número de vezes com mulheres superiores, enquanto que o mesmo ocorrerá com os inferiores entre eles, preservando-se a descendência dos superiores e rejeitando a dos inferiores (458d-460 b). Ele estabelece também a condição de que os pais não se unam às filhas ou as mães aos filhos, proibindo a união dessas gerações, bem como a dos avôs e avós com os netos, sendo permitidas, no entanto»uniões entre irmãos, se a sorte assinalar isso e a Pítia aprovar. Somente serão criados os filhos das uniões no vigor da idade e com a autorização do governante, outras relações serão permitidas, mas sem crias. (461 a-e)

O maior bem para a cidade será quando houver comunidade do prazer e da dor, que une os cidadãos, no maior número possível, ao se alegrarem ou se afligirem com as mesmas vantagens e perdas. Enquanto que o maior mal é o individualismo desses sentimentos, quando uns sofrem e outros se alegram sobre os mesmos acontecimentos públicos ou privados (462 a-c).

Com uma tal lei, em que a cidade toma-se uma grande família, todos se considerando parentes verdadeiramente, desaparecerão os processos e acusações recíprocas, pois ninguém possuirá nada em particular, senão o corpo. Eles então não conhecerão dissensões, daquelas que surgem entre os homens, pela posse de riquezas, filhos e parentes. O mais velho terá a incumbência de mandar em todos os mais novos e de os castigar. Os mais novos não tentarão violência contra os mais velhos, como é natural, a menos que seja ordem dos chefes. Os mais jovens não desprezarão os mais velhos, pois o temor e o respeito os impedirão. O respeito por considerá-los pais e o temor de que os outros venham em seu socorro, uns como filhos, outros como irmãos, outros como pais (464d-465b).

Tais idéias: a comunidade dos bens, mulheres e filhos, estão expostas na *Assembléia de mulheres*, que é anterior à *República*. E, pelo que vimos quanto à referência ao ridículo, parece que Platão se dirige à comédia de Aristófanes, criticando o tratamento ridículo das idéias consideradas boas por ele. Pois, segundo Sócrates, só deve ser ridicularizado o que é ruim. Tal argumento pode também servir ao tratamento ridículo de Sócrates nas *Nuvens*, de 423 a.C., que, para Platão, era um homem justo e bom.

No discurso de Praxágora, depois de ter conseguido o governo para as mulheres, tendo elas se disfarçado de homens e ido à Assembléia, para eleger a única coisa nunca antes tentada para a salvação de Atenas, o governo das mulheres, podemos ler:

Para começar, todos terão de entregar seus bens ao governo, para que todos tenham partes iguais desses bens e vivam deles; não é inevitável que uns sejam ricos e outros miseráveis; que uns possuam terras sem fim e outros não tenham onde cair mortos; que uns tenham a seu serviço uma porção de escravos e outros não sejam sequer donos de si próprios! Instituiremos uma só maneira de viver, igual para todos! (KURY, 1996, pp. 115-116);

... A terra será de todos, bem como o dinheiro e tudo que atualmente pertence a cada um. Com base num fundo comum, constituído

por todos os bens, nós, as mulheres, sustentaremos vocês, administrando com economia e pensando em tudo. (Idem, *ibidem*, p.116)

Ninguém fará mais nada por necessidade, pois tudo pertencerá a todos: comida, bebida, roupa etc. As mulheres serão comuns a todos os homens; “cada um poderá ir com qualquer uma e ter filhos de quem quiser”. Mas os feios e as feias terão prioridade sobre os belos, nas questões sexuais. “Não haverá reconhecimento dos pais pelos filhos, as crianças julgarão seus pais todos os homens que tiverem idade para isso.” Não será permitido espancar os velhos, pois os próprios companheiros impedirão isso. Antes eles não se incomodavam quando um jovem batia no pai, mas no futuro não deixarão ninguém bater em nenhum deles, pois um poderia estar batendo no pai do outro (Idem, *ibidem*, pp. 17-120);

Também não haverá mais questões judiciais, pois ninguém terá necessidade de contrair dívidas ou de roubar. “Todos viverão em comum. Pretendo fazer da cidade uma só casa, demolindo todos os muros, de maneira que todos possam ir a toda parte.” Serão instituídos jantares públicos, preparados pelas mulheres (Id., *ibid.* pp.121-123).

Alguns estudiosos acreditam que Aristófanes esteja ridicularizando as idéias comunistas de algum filósofo contemporâneo, mas o texto cômico não se refere diretamente a nenhum, o que não é o procedimento natural da comédia. O que aparece mais nitidamente para nós são os decretos mirabolantes. É o que podemos ler na discussão entre Cremes, que obedece às leis da cidade, e um homem que não quer dispor de seus bens, por desconfiar dessas mesmas leis. Enquanto Cremes afirma que se deve obedecer às leis, o homem afirma que não está acostumado nem ele, nem a cidade de Atenas, a dar algo, mas apenas receber; pois até mesmo os deuses estendem as mãos em sinal de súplica, quando os devotos lhes solicitam algo. Diz ainda que o povo vota uma lei, mas não a cumpre, e que, todos os dias, vê publicarem-se semelhantes decretos, para logo em seguida tornarem-se sem valor (765-813). Ele quer ir ao jantar comum, mas deixa para depois entregar os bens, pois quer ter certeza que todos vão entregar e se essa lei vai durar algum tempo. Mas seu desejo é conservar os bens particulares e partilhar dos bens comuns (871 s).

Podemos verificar que são bem semelhantes muitos pontos das novas leis em Platão e em Aristófanes. Há, no entanto, a correção da filosofia de Sócrates, que regula os casamentos pela eugenia e não permite a união entre mães e filhos. Em Aristófanes, a proibição está restrita à união entre mães e filhos, ao que pare-

ce; pois, no final da peça, a jovem que se vê abandonada por seu amante, graças à nova lei, que dá prioridade às mais feias e velhas, diz que “se esta lei for estabelecida na terra toda, vocês (as velhas) a encherão de Édipos”(1038 s.).

Em Platão, as mulheres terão uma educação semelhante à dos homens na música e na ginástica. Em Aristófanes, na nova lei estabelecida, Eros não ouve a prece dos amantes, os jovens, ela vai contra a natureza para igualar os direitos daqueles que naturalmente são diferentes – belos e feios, jovens e velhos.

Embora a idéia da comunidade das mulheres, bens e filhos, seja algo novo em Aristófanes também, em *Lisístrata*, a primeira peça feminina do comediógrafo que nos chegou, representada após a ocupação da Ática pelos espartanos, podemos observar idéias semelhantes sobre o governo feminino, que podem ter sido inspiradas nas mulheres espartanas. O que há de mais interessante sobre o assunto encontra-se no agón entre Lisístrata e o Conselheiro. Ela explica que as mulheres tomaram a Acrópole para que os homens não lutem mais pelo dinheiro, já que é por causa dele que se faz guerra e as confusões são geradas por aqueles que almejam os cargos públicos. Mas, a partir de agora, Lisístrata afirma, as mulheres administrarão o tesouro, já que elas administram os bens de casa para os homens. Na afirmação do Conselheiro que o dinheiro deve servir para a guerra, ela responde que não é necessário haver guerras, pois elas mesmas salvarão a cidade.

Sendo questionada sobre a origem dessa preocupação das mulheres com a guerra e a paz, ela conta que suportavam em silêncio, por sua temperança, o que os homens faziam, isto é, suas más deliberações. Mas quando souberam que não havia mais homens no país, decidiram salvar a Grécia em comum.

O velho conselheiro se opõe a ouvir e é silenciado por Lisístrata, ao ser disfarçado em mulher. É interessante notar que os homens vencidos por mulheres são transformados, de algum modo, em mulheres, numa inversão de papéis: Eurípidés, em *Tesmoforiantes*, cria um personagem feminino cômico (o seu parente) e está ameaçado de morte pelas mulheres, e ainda é obrigado a se vestir de velha para salvar seu parente. Na *Assembléia de Mulheres*, Blépiro e seu vizinho vestem a roupa de suas esposas, que estão disfarçadas de homens com a roupa deles e tomam o poder na cidade.

Exortada pelo coro de mulheres que elogia o seu gênero como patriotas, sábias, talentosas, Lisístrata mostra ao conselheiro como resolveria as perturbações da cidade, numa metáfora do tear: Limpando a lã bruta, arrancando a cabeça dos fios que se amontoam em tufo, pondo em comum em um cesto da boa vontade todos os amigos de Atenas, metecos, estrangeiros, os endividados, as colônias,

como novos caídos ao chão cada um por si, tomaria o fio de todos eles, reuniria em um todo, formando um novo grande e confeccionando, em seguida, uma manta para o povo.

Em *Lisístrata*, então, já se encontram idéias semelhantes às da *Assembléia de Mulheres*, no que diz respeito à união dos gregos como um todo; em *Tesmoforiantes*, é o próprio sexo feminino que está em questão e a sua exploração pela tragédia de Eurípidés, numa referência à artificialidade do teatro com seus atores travestidos em mulheres. Na *Assembléia de mulheres*, parece haver uma crítica à artificialidade das uniões sem eros e talvez da convenção em se considerar parentes os que, na verdade, não o são, numa destruição da família, como ela era tradicionalmente. Platão parece criticar a valorização do parentesco biológico sobre o da convenção. É o que, de alguma maneira, está registrado no *Banquete*, onde Aristófanes faz seu discurso sobre as metades dos seres circulares e sua procura desesperada e é criticado no discurso de Sócrates, através de Diotima.

De modo geral, o que podemos ver em comum nos dois autores é o reconhecimento da mulher como parte importante da polis, como seres pensantes e, principalmente, como mães.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓFANES. *As mulheres que celebram as Tesmofórias*. Tradução de Maria de Fátima de Sousa e Silva. Coimbra: INIC, 1978.
- \_\_\_\_\_. *A greve do sexo. A revolução das mulheres*. 3ª ed. revista Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Lisístrata*. Tradução de Ana Maria César Pompeu. São Paulo: Editorial Cone Sul, 1998.
- PLATÃO. *A república*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pareira. 7ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- AUGUSTO, M.G.M. Le sourire du philosophe et le rire du poète: verité et méchanceté au livre V de la *Republique*. In: Desclos, Marie-Laurence (dir.) *Le rire des grecs: anthropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000. p. 293-308.
- BOWIE, A. M. *Myth, ritual and comedy*. Cambridge University Press, 1996 (first published 1993).



- DUARTE, Adriane da Silva. *O dono da voz e a voz do dono: a parábase na comédia de Aristófanes*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: FAPESP, 2000.
- HENDERSON, Jeffrey. *Lysistrata: the play and its themes*. In: Henderson, Jeffrey (ed.). *Yale Classical Studies: Aristophanes: Essay in interpretation*, v.xxvi, Cambridge: Cambridge University Press, 1980. p. 153-218.
- LUDWIG, Paul W. Politics and eros in Aristophanes' speech: *Symposium* 191 e – 192 a and the comedies. *American Journal of Philology* 117, p. 537-562, 1996.
- MUECKE, Frances. A portrait of the artist as a young women. **Classical Quarterly**, 32 (i), p. 41-55, 1982.
- SAXONHOUSE, Arlene W. *Comedy in Callipolis: animal imagery in the Republic*, *American Political Science Review* 72, p. 888-901.
- STRAUSS, Leo. *Socrate et Aristophane*. Traduit de l'anglais et présenté par Olivier Sedeyn. L'Éclat, 1993. (Collection "Polemos"), (1. ed. 1966).
- THIERCY, Pascal. *Aristophane: fiction et dramaturgie*. Paris: "Les Belles Lettres", 1986

POMPEU, ANa Maria César Pompeu. *Les femmes dans les comédies d'Aristophane et dans la République de Platon*.

**RÉSUMÉ:** Cet article veut montrer la ressemblance entre le portrait des femmes dans la République de Platon et dans L'assemblée des femmes d'Aristophane, comment Platon peut faire une critique au traitement comique des idées révolutionnaires sur la communauté des femmes, des biens et des enfants, et comment telles idées sont présentes dans les comédies des femmes de 411.

**MOTS-CLEFS:** femmes; comédie; Aristophane; Platon.